

vamos identificar os elementos que dão sustentação a essas afirmativas.

Alguns podem achar que a discussão não é importante, mas o fato é que todos os profissionais que atuam na área são constantemente chamados a explicar o que seja ciência da informação; e mesmo em relação à biblioteconomia, a ignorância é enorme. Não é raro o interlocutor ficar surpreso ao saber que existe mestrado na área; doutorado, então, é motivo de enorme perplexidade. Assim, se em outras áreas a questão pode não ser importante, porque as pessoas de um modo geral têm noção do que sejam os campos e profissões bem estabelecidos — física, química, medicina, direito e outros — pelo que tocam diretamente a vida das pessoas, na B & CI a discussão pode servir como um instrumento básico para a institucionalização social da especialidade, sua organização interna e para a definição de suas fronteiras (WHITLEY, 1974). Além do mais, *“concepções a respeito da estrutura e do escopo de uma disciplina são sempre construtos sociais que determinam a inclusão de certos objetos nesse domínio e a exclusão de outros”* (VAKKARI, 1994, p. 1).

Essa discussão pode talvez colaborar para uma melhor integração entre os dois mencionados segmentos. Embora alguns teimem em negá-lo, o fato é que existem, no âmbito das instituições onde atuam os profissionais de informação, algumas tensões decorrentes da chegada, às escolas de biblioteconomia, de egressos de várias outras áreas, co-responsáveis, principalmente, pelo desenvolvimento do que veio a ficar conhecido como ciência da informação. Esses sentimentos estão explícitos, às vezes de forma até indelicada, em alguma literatura da área (GORMAN, 1992)² É bom observar que, pelo menos nesse caso, não se trata de um bibliotecário qualquer, mas de um especialista de enorme projeção no meio, em virtude de sua destacada atuação profissional, especialmente como editor da segunda edição do *Código de catalogação Anglo-Americano*. Esse código é um dos pilares do exercício profissional dos bibliotecários.

Há exemplos dessa difícil convivência também no Brasil. Um dos mais notórios é certamente a recusa dos conselhos profissionais dos bibliotecários em aceitar o registro dos pós-graduados em ciência da informação que não possuam a graduação em biblioteconomia. É uma atitude que está conforme com a letra explícita da lei, mas que acaba por criar um atrito desnecessário com os cientistas da informação, impedindo-lhes o acesso a cargos privativos de bibliotecários. Ao contrário, se fossem aceitos seus registros, a profissão iria certamente se beneficiar com a riqueza e variedade de formações que estariam trazendo para a prática profissional.

Parece-nos haver várias razões para essa intolerância. Um bom número delas tem a ver com a questão da terminologia. Voltaire dizia a seus interlocutores em potencial que se quisessem conversar com ele deveriam primeiro definir os termos que fossem utilizar. É um conselho que poderia ser muito útil aos profissionais da informação. Por exemplo, fala-se em ciência da informação como se fosse um conceito solidamente estabelecido, quando isso não é verdade. Assim, alguém pode falar de ciência da informação como sinônimo de biblioteconomia — caso do exemplo acima mencionado. Outro pode estar falando de ciência da informação pensando naquela que se faz numa determinada comunidade científica, já que um dos pressupostos mais

² “[Um] grande problema [na formação dos bibliotecários] é essa pseudo-disciplina perniciosa e sem sentido chamada “ciência da informação”. Essa confraria já atingiu proporções imensas e tem desviado os escassos recursos humanos e financeiros destinados à formação dos bibliotecários.”

conhecidos é o de que a ciência da informação é um campo interdisciplinar, realizando-se em vários círculos científicos. Outro já pode entender que esse é um bom nome para abranger todas as especialidades — biblioteconomia, documentação, arquivologia e outras — dos profissionais da informação, tendência que se observa no Brasil, parece que por influência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este, na sua classificação das áreas do conhecimento, efetivamente optou por esse significado. Assim, uma das grandes áreas do conhecimento, nessa classificação, é a de ciências sociais aplicadas, onde vamos encontrar subáreas como direito, administração, economia, entre outras. Uma dessas subáreas é a de ciência da informação. A ciência da informação, por sua vez, subdivide-se em especialidades como teoria da informação, processos de comunicação, representação da informação, teoria da classificação e arquivologia. Uma dessas especialidades é a biblioteconomia.

Há aqueles cuja visão é de distanciamento das duas subáreas (biblioteconomia e ciência da informação), mas os argumentos são fracos. Diz Saracevic, por exemplo, que são diferentes porque há diferenças significativas em relação a vários aspectos críticos, tais como

“na seleção dos problemas estudados e na forma como eles são definidos; nas questões teóricas colocadas e no grau de experimentação e desenvolvimento empírico e no conhecimento prático e competências resultantes; nas ferramentas e abordagens utilizadas; na natureza e robustez das relações interdisciplinares estabelecidas e na dependência do progresso e da evolução nas abordagens interdisciplinares”. (SARACEVIC, 1992, p. 13).

Mas não apresenta quaisquer dados que comprovem serem essas diferenças substanciais. Não há evidência disso no texto de Saracevic. Ao contrário, vários estudos têm mostrado, por exemplo, que as relações interdisciplinares da ciência da informação são fraquíssimas (SMALL, 1981; CRONIN e PEARSON 1990; PAISLEY, 1990; WARNER, 1991; BORGMAN e RICE, 1992). Por outro lado, têm sido identificadas conquistas da ciência da informação diretamente importadas da biblioteconomia (COMAROMI, 1980, p. 177).

2 O campo de conhecimento

Em primeiro lugar, devemos destacar o conceito abrangente de campo do conhecimento. Os profissionais da informação exercem suas atividades em vários tipos de instituições. Em *bibliotecas*, que tanto podem ser assim denominadas como levar outros nomes: centros de documentação, serviços de informação, além de várias outras designações. As bibliotecas são tradicionalmente classificadas em alguns tipos básicos: bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, bibliotecas universitárias, bibliotecas especializadas e bibliotecas nacionais. As bibliotecas especializadas muitas vezes fazem parte de um complexo organizacional maior, que costuma incluir profissionais responsáveis pela análise de informação, ou seja, pela tarefa de gerar informação nova com base na análise das informações existentes. Nesses casos, é justo que esse tipo de complexo receba designações como *centro de análise de informação* que, ao mesmo tempo que expressa melhor suas funções, pode lhe dar melhor visibilidade na organização. Essa terminologia — centro de análise de informação — e suas variantes — centro de informação técnica etc. — tornou-se bastante comum a partir da década de 50.



Os docentes e pesquisadores estão quase todos nas *escolas de biblioteconomia e ciência da informação*³. Apesar das reiteradas tentativas de fugir da terminologia que gravita em torno do termo *biblioteca*, o fato é que ele continua muito forte. Nos Estados Unidos, por exemplo, pode-se constatar isso se observarmos a lista das escolas mais importantes, de acordo com o *ranking* do *U.S. News*. De acordo com esse ranking, teríamos as seguintes percentagens de termos que são empregados nos nomes dessas escolas:

- library and information science - 17
- information sciences - 2
- information studies - 2
- information - 1
- information science and policy - 1

Por conseguinte, observa-se que a denominação mais utilizada para designar o campo é *biblioteconomia e ciência da informação*. Em favor disso podemos citar ainda várias outras razões:

- a principal enciclopédia da área, *Encyclopedia of library and information science* (KENT e LANCOUR), publicada nos Estados Unidos desde 1968 e em pleno curso de publicação⁴;
- a classificação de teses adotada pelo *Dissertation Abstracts*⁵, que dispõe de duas categorias — *Information Science e Library Science*.
- a utilização da expressão em inúmeras publicações básicas, como o *thesaurus* da ASIS (MILSTEAD, 1998).

Diversos autores reconhecem a existência desse campo, inclusive com a caracterização das duas subáreas mencionadas — biblioteconomia e ciência da informação — constituindo-se numa espécie de duas grandes subáreas do campo do conhecimento. É o que se depreende da análise de WILSON, que caracteriza uma como compreendendo estudos de natureza social, comportamental e humanística e, por outro lado, “o sub-campo ciência da informação, de orientação tecnológica.” (CONAWAY, 1996, p. 396).

Por conseguinte, quando alguém usa a designação *biblioteconomia e ciência da informação* devemos entender que existe o propósito de fazer referência ou atuar em todo o espectro desse campo do conhecimento. Assim, as mencionadas escolas que se denominam de biblioteconomia e ciência da informação teriam como objetivo oferecer ensino, pesquisa e extensão em toda a amplitude do campo. Ao contrário, quando uma escola usa uma designação como, por exemplo, School of Information Management and Systems, que é o novo nome da antiga School of Library and Information Science, da University of California em Berkeley (Califórnia, EUA), devemos entender que ela tem por propósito se especializar numa área específica do campo⁶. Assim, para aqueles familiarizados com a B & CI, esse novo nome do curso de Berkeley sinaliza imediatamente uma preocupação com a informação nos

³ School of Library and Information Science, na terminologia inglesa.

⁴ O volume mais recente é o 64, de 1999.

⁵ O Dissertation Abstracts é a principal fonte para dissertações e teses defendidas nos Estados Unidos.

⁶ A Escola define como seu objetivo “questões contemporâneas como os direitos autorais na Internet e a precificação, estruturação e validação de informações, tendo o foco na administração e nas tecnologias dos sistemas de informação, de modo que possam servir a uma grande variedade de usuários, pesquisadores e empresas.”

ambientes empresariais e de negócios. Ao mesmo tempo, sinaliza também que com esse novo nome estará descartando tópicos que não se enquadram nesse enfoque, como seriam, por exemplo, as questões ligadas à biblioteca pública, tais como a democratização da informação, a informação para o grande público, e similares.

Por conseguinte, é um grande erro supor que o fato de uma instituição da B & CI não utilizar o termo biblioteconomia ou ciência da informação em seu nome signifique que esses termos estejam caindo em desuso. Trata-se tão somente de mais uma manifestação da tendência à especialização que vem se observando em todas as áreas do conhecimento, que leva ao surgimento de novas áreas dentro das áreas já estabelecidas e, muitas vezes, à necessidade de denominações que possam bem expressar o que de diferente essas novas áreas trazem ou representam para o respectivo campo em que se inserem.

Aceita a premissa de que há um campo do conhecimento a que se deve dar o nome de biblioteconomia e ciência da informação, a questão seguinte é de entendimento do que representam esses termos separadamente. Como vimos, não apenas a expressão é utilizada, como também suas duas partes, separadamente. Merece análise também o termo documentação, que é a biblioteconomia especializada nas diversas áreas do conhecimento.

3 A biblioteconomia

Não há muito questionamento quanto à continuidade de práticas associadas ao que se pode chamar de biblioteconomia tradicional, até porque alguns tipos de bibliotecas, como as nacionais e as públicas, sem dúvida persistirão ainda por um bom tempo como entidades físicas. Há uma série de funções altamente profissionais nas bibliotecas, cujo desempenho eficiente é decididamente dependente de formação apropriada, experiência e outras qualidades associadas a funções profissionais:

- desenvolvimento de coleções (seleção dos materiais)
- classificação
- catalogação
- referência
- pesquisa em sistemas de recuperação da informação
- administração (planejamento estratégico, estudo do usuário, educação do usuário etc.)

Uma comparação, ainda que superficial, entre a biblioteca e os novos sistemas que eventualmente poderão vir a substituí-la, justifica formular a hipótese de que praticamente todas essas funções permanecerão necessárias e deverão ser realizadas de uma forma ou de outra, seja por intermediários humanos, seja por sistemas automatizados. Tome-se, por exemplo, o sistema sensação do momento, a *Internet*. É óbvio que o usuário da rede precisa muitas vezes fazer uma *seleção* das informações que lhe é oferecida, tamanha pode ser a quantidade disponível para uma determinada consulta. É claro que a localização de informação na rede pressupõe a realização de algum tipo de *classificação*. Questões deverão surgir quanto à autoria de alguns documentos, que é tarefa típica da *catalogação*⁷. O usuário continuará a ter dificuldade em definir suas próprias necessidades de informação e a determinar a estratégia



subseqüente que vai permitir a localização da informação, tarefas que a *referência* tem entre seus principais objetivos. Muitos usuários continuarão não tendo a paciência nem o conhecimento suficiente para fazer muitas das pesquisas de que necessitam em catálogos e bases de dados, como tem sido comprovado por inúmeros estudos no passado; por conseguinte, terão que apelar para um profissional de informação a quem delegarão essa tarefa.

A biblioteconomia (*librarianship*, na terminologia inglesa) tem uma longa tradição de desenvolvimento de práticas aplicáveis aos problemas de organizar e acessar as informações contidas em documentos. Essas práticas remontam aos tempos da biblioteca de Assurbanipal, que já possuía uma espécie de catálogo dos livros nela existentes. Mas alguns dos problemas foram se tornando de uma tal complexidade que as soluções exigiam mais que uma abordagem intuitiva. Assim se pode explicar o surgimento da biblioteconomia-ciência (*library science*, na terminologia inglesa⁸). Entretanto, antes mesmo que se materializasse no seu formato clássico, a pesquisa na universidade, podemos identificar uma tradição de esforço reflexivo ou teórico na biblioteconomia que remonta a, pelo menos, Melvil Dewey e o desenvolvimento do seu sistema de classificação, a Classificação Decimal de Dewey (1876). Para desenvolvê-la, estuda os sistemas de classificação existentes e faz visitas *in loco* a bibliotecas que os utilizavam. Esses passos e procedimentos constituem uma abordagem em que se pode claramente identificar uma preocupação sistemática em chegar a um resultado que representasse a melhor solução para o seu problema, ou seja, a mesma lógica que temos identificado com o processo de criação científica. Mas a biblioteconomia-ciência começa efetivamente com a fundação da Graduate Library School da University of Chicago, na década de 30. Foi estabelecida sob o princípio de que a pesquisa era essencial para o ensino em nível de pós-graduação⁹. O primeiro diretor dessa Escola, Louis Round Wilson, orientou essa pesquisa para o campo das ciências sociais, inclusive privilegiando a aplicação da metodologia respectiva. Desde então, inúmeras pesquisas têm sido realizadas, tanto dentro quanto fora das escolas de biblioteconomia, sobre os mais diversos tópicos. Só no nível de doutorado, no período 1930-1972, são 472 teses (BUSHA e HARTER, p. 95). No que se pode chamar de pesquisa histórica, temos tópicos como a história do livro e das bibliotecas; dos processos intelectuais e industriais da produção editorial; a história de publicações específicas (periódicos e jornais); biografias de personalidades da profissão; a história de vários tipos de bibliotecas (públicas, universitárias, especializadas etc.) e de serviços (referência, catalogação etc.). Na pesquisa de campo, excluídas aquelas de natureza mais gerencial, há uma série de pesquisas de qualidade conceitual e metodológica sobre temas como as necessidades de informação; o uso de catálogos; a relação dos profissionais com os sindicatos; as atitudes dos cidadãos em relação às bibliotecas; e a satisfação dos profissionais no emprego (BUSHA e HARTER, p. 79-87).

⁷ Esse tipo de problema, assim como outros de natureza similar já vêm sendo discutidos em relação aos sistemas virtuais sob a designação de **metadados**.

⁸ Em língua portuguesa, afinal, desprezou-se o "ciência", passando-se a usar o mesmo termo — biblioteconomia — nos dois sentidos, no sentido de librarianship e no sentido de library science.

⁹ Deve-se observar que nos Estados Unidos a tradição sempre foi a de formação do bibliotecário em nível de pós-graduação. Ou seja, para obter essa formação, o aluno precisa já ter a graduação numa área qualquer do conhecimento (física, química, ciências sociais etc.).

4 A documentação

Um conceito de documentação diz que é a

"arte de coletar, classificar e tornar facilmente acessíveis os registros de todas as formas de atividade intelectual. É o processo pelo qual o documentalista pode colocar ante o especialista criador a literatura existente sobre o campo de sua investigação, a fim de que ele possa tomar pleno contato com as realizações anteriores em seu terreno, e dessa forma evitar a dispersão de esforço na realização de uma tarefa já executada." (BRADFORD, p. 68)

Por conseguinte, a documentação deve ser entendida como a biblioteconomia¹⁰ exercida em áreas especializadas do conhecimento. Nessas áreas, predominam outros tipos de documentos que não o livro, daí a distinção estabelecida por Bradford, com base nessa característica:

A biblioteconomia ocupa-se de todos os aspectos do tratamento dos livros, a tarefa do documentalista consiste em tornar disponível a informação original registrada em artigos de periódicos, folhetos, relatórios, especificações de patentes e outros registros semelhantes. (BRADFORD, p. 69)

Devemos traçar sua origem ao movimento dos bibliotecários norte-americanos que trabalhavam em bibliotecas de empresas e do comércio e que resolveram fundar a Special Libraries Association, desligando-se assim da *American Library Association (ALA)*, a que pertenciam todos os bibliotecários, indistintamente. O que argumentavam os bibliotecários especializados para assim proceder? Que os métodos utilizados pelos bibliotecários da *ALA* não eram mais suficientes para resolver os problemas enfrentados pelos bibliotecários especializados. Esses problemas eram causados pelo perfil característico do usuário dessas bibliotecas, onde se podia destacar:

- necessidade de informação precisa, atualizada, insubstituível
- urgência no acesso à informação
- necessidade de bibliotecários capazes de entender as demandas dos usuários e de estabelecer um diálogo na linguagem destes
- necessidade de acesso a outros tipos de materiais que não apenas aqueles tradicionalmente encontrados em bibliotecas

Ao mesmo tempo, na Europa, alguns estudiosos reconhecem as mesmas dificuldades enfrentadas pelos bibliotecários norte-americanos e pensam em métodos e processos para enfrentar essas dificuldades. Dois problemas mereceram a especial atenção desses estudiosos: um sistema de classificação que atendesse às necessidades dos bibliotecários especializados, e o controle bibliográfico, ou seja, o trabalho de assegurar que houvesse um registro de todos os documentos publicados no mundo inteiro. Este último objetivo não foi alcançado porque a solução proposta, embora óbvia, era e continua sendo impraticável: a existência de um catálogo universal que contivesse o conjunto total desses registros. O outro objetivo, entretanto, pode-se

¹⁰ Aqui cabe levantar a hipótese de que parte das incompreensões talvez decorra de uma interpretação divergente da palavra 'biblioteconomia'. Para alguns, seria a disciplina preocupada com a organização de bibliotecas onde os documentos e os serviços são limitados àqueles mais tradicionais, ou seja, a livros e a serviços de orientação no uso das coleções. Por outro lado, é justo que muitos bibliotecários entendam que a biblioteconomia está preocupada com o acesso à informação. Se os tipos de documentos e serviços necessários podem variar grandemente de um tipo de biblioteca para outro, isso não seria motivo suficiente para se usar outra denominação para bibliotecas e bibliotecários.



dizer que foi alcançado, pois a Classificação Decimal Universal (CDU) tem tido desde então ampla utilização no mundo inteiro.

É a esse grupo europeu que devemos a origem do termo *documentação*. Foi o termo utilizado por eles para designar o tipo de atividade em que estavam engajados. Entretanto, como tentamos demonstrar, o que faziam os bibliotecários especializados norte-americanos e os documentalistas europeus convergia para um mesmo objetivo: enfrentar o desafio de organizar e prestar serviços de acesso à informação a pessoas e às instituições atuantes em áreas especializadas. Com o tempo, tornou-se popular utilizar o termo seguido do adjetivo apropriado para identificar de forma precisa a área especializada respectiva: *documentação agrícola*, *documentação biomédica* e similares. O uso do termo generalizou-se também para designar as bibliotecas especializadas, passando a expressão centro de documentação a ser muito popular.

Documentação é um termo que tornou-se menos usado nos Estados Unidos depois que o termo ciência da informação entrou em voga. Com efeito, o *American Documentation Institute (ADI)* mudou seu nome para *American Society for Information Science (ASIS)* e, em consequência, o termo desapareceu também de outras importantes instituições como, por exemplo, o periódico publicado pelo ADI — *American Documentation* — que passou a chamar-se *Journal of the American Society for Information Science*, e o congresso anual dos profissionais.

No Brasil, o termo *documentação* tem também sofrido baixas, a principal delas do nome do antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação - IBBDD que, em 1975, passou a denominar-se Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-IBICT. A expressão *centro de documentação*, muito popular nas décadas de 50 a 70, também perdeu seu atrativo, substituída agora por designações onde predomina o termo *informação*: centro de informação, gerência de recursos informacionais etc.

Entretanto, é de se observar que o termo documentação não perdeu tanta força como pode parecer, à primeira vista. Continua sendo utilizado por importantes instituições da B & CI: no nome da Federação Internacional de Informação e Documentação-FID¹¹, no principal periódico da B & CI na Inglaterra — o *Journal of Documentation* — e no principal evento científico da área no Brasil — o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação¹² — para lembrar uns poucos exemplos. Dos 30 cursos de graduação em biblioteconomia atualmente existentes no país, cerca de oito utilizam ainda a palavra documentação em sua designação. Continua também muito utilizado no âmbito da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, onde a expressão *normalização da documentação* se refere a uma série de normas aplicáveis em atividades, processos e serviços oferecidos ou desempenhados por profissionais de informação.

A documentação, na sua realização prática, engloba um trabalho realizado em duas frentes:

- bibliotecas (especialmente as bibliotecas especializadas, centros de documentação e por intermédio de algumas funções das bibliotecas universitárias)
- serviços de indexação e resumos

¹¹ Anteriormente denominada Federação Internacional de Documentação-FID.

¹² Realizado de dois em dois anos, desde 1954.

As bibliotecas especializadas desempenham funções que exigem a aplicação de princípios e processos tanto da biblioteconomia quanto da documentação. Assim, no que toca à parte da biblioteconomia, aplica-se as observações feitas acima. Quanto à parte da documentação, são as seguintes funções profissionais que devemos destacar:

- indexação
- disseminação da informação

Da mesma forma como se observou em relação à biblioteconomia, essas duas funções deverão permanecer necessárias pelas mesmas razões, ou seja, exigem formação apropriada e experiência, para que sejam bem desempenhadas.

Os serviços de indexação e resumo se responsabilizam pelo trabalho de documentação realizado fora da biblioteca. Assim, um trabalho de indexação não precisa ser feito por todas as bibliotecas potencialmente interessadas nele: ao contrário, ele pode ser centralizado numa instituição que dele se encarrega para o benefício de todas elas, com o objetivo natural de redução do custo dessas atividades. Raramente se justifica que esse trabalho, altamente oneroso, seja empreendido por uma biblioteca tão somente para seu próprio uso. Mas isso às vezes ocorre, e quando uma biblioteca assim o faz, é porque o trabalho de documentação disponível não atende às suas necessidades.

O termo *documentação* é um termo que pode muito bem ser preservado nesse sentido de biblioteconomia-técnica aplicada a uma área especializada. Isso permite reconhecer que é uma prática que exige alguns procedimentos próprios e algumas qualificações especiais dos bibliotecários, como discutido acima.

5 Ciência da informação

Em 1968, Borko publicou um artigo intitulado *Ciência da Informação: o que é isto?*, em que procurava definir o que fosse essa nova disciplina, então em seus primórdios. Segundo ele, é a “*disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processamento para otimizar sua acessibilidade e uso*” (BORKO, p. 3). Passados tantos anos, parece ainda estranhamente necessário esclarecer o que ela seja, tantos são os mal-entendidos a seu respeito, e tão pouco é o conhecimento da área nos próprios meios acadêmicos. Um exemplo desse mal-entendido é o que se tem verificado nos cursos de biblioteconomia que passaram a designar-se ou a incorporar a expressão *ciência da informação* em seus nomes. Via de regra a expressão atrai uma clientela nova que normalmente não era atraída pela palavra *biblioteconomia*. Entretanto, essa clientela parece ter diferentes concepções do que é ou deveria ser a ciência da informação. O que se tem notado é uma insatisfação dessa clientela nova com aquela parte desses programas que poderiam ser classificados de biblioteconomia, ou seja, qualquer coisa que diga respeito a bibliotecas, por mais elaborada ou teórica que seja. Parece não ter sido possível ainda identificar a causa dessa rejeição, mas de qualquer maneira é difícil de entender, já que constitui, como vimos, uma parte significativa do todo que é a B & CI. Afinal, a criação, organização e administração de bibliotecas é um trabalho que pode atingir níveis de extrema complexidade, em razão de diferentes fatores, como o tamanho da biblioteca, ou sua



especialização, por exemplo. No primeiro caso, o tamanho de certas bibliotecas determina de pronto uma complexidade administrativa que exige profissionais de várias especialidades: gerentes, assessores, analistas de variada formação. No caso da especialização, outros tipos de especialistas são necessários. Algumas bibliotecas, por exemplo, têm até Ph.Ds em seus quadros funcionais; é o caso de grandes bibliotecas universitárias que necessitam de bibliógrafos para supervisionar o trabalho de desenvolvimento de coleções em áreas especializadas do conhecimento. Esse tipo de trabalho exige uma qualificação que muitas vezes apenas a formação avançada pode proporcionar: o bibliógrafo necessita de um profundo conhecimento da área respectiva; da estrutura de comunicação e publicação da área; das principais instituições de pesquisa e das editoras; e da capacidade de dialogar com os usuários.

O termo *ciência da informação* já era usado na Inglaterra em 1958, quando é fundado o *Institute of Information Scientists* (FOSKETT, 1996; INGWERSEN, 1992 apud OLIVEIRA, 1998). Nos Estados Unidos, data-se de 1962 a origem do termo, usado durante um congresso realizado no *Georgia Institute of Technology*.

Ao longo dos anos, foi-se estabelecendo uma variedade de percepções do que fosse a ciência da informação. Para alguns, significa o uso de computadores em bibliotecas e em outros tipos de sistemas de informação (BROOKES, 1980). Uma segunda percepção é a de que a CI preocupa-se com a abordagem sistêmica nos sistemas de informação. Desse ponto de vista, a ênfase é na administração desses sistemas, seu planejamento e avaliação. Uma terceira percepção é a da CI como o estudo teórico das propriedades da informação e dos processos por meio dos quais ela é gerada, processada, armazenada, recuperada e comunicada (SHERA, 1968; ROSENBERG, 1974; EDWARDS, 1975; SARACEVIC, 1992; LE COADIC, 1994 apud FONSECA, 1994¹³). Para outros, ainda, a CI seria aquela parte da B&CI mais preocupada com a pesquisa (SHERA, 1968¹⁴; EDWARDS, 1975¹⁵; CRONIN, 1995, p. 57). Esse ponto de vista é o que predominou na conceituação estabelecida por consultores do CNPq:

“ciência da informação designa o campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objetivo o estudo de fenômenos ligados à produção, organização e difusão e utilização de informações em todos os campos do saber”. (OLIVEIRA, 1998, p. 25)

Ainda segundo esses consultores, *“a biblioteconomia e a arquivologia são disciplinas aplicadas, que tratam da coleta, organização e difusão de informações preservadas em diferentes tipos de suportes materiais”* (OLIVEIRA, 1998, p. 25). Essa é uma visão que ignora a tradição investigativa da biblioteconomia, como discutido acima.

Outra visão é a de que a CI é a área da B&CI que trata da informação científica e técnica (ZUNDE e GEHL, 1979¹⁶; MIKHAILOV, 1980 apud JARDIM e FONSECA, 1992; HOUSER, 1988¹⁷; PINHEIRO, 1997¹⁸). Essa é talvez a visão que melhor se

¹³ “ estudo das propriedades gerais da informação (sua natureza, gênese e efeitos), tanto quanto dos processos e dos sistemas de construção, comunicação e uso da informação...”

¹⁴ “A conferência da Georgia usou “cientista da informação” para se referir àqueles engajados em pesquisa ao invés de serviços.” (p. 62)

¹⁵ “... mais tempo está sendo dedicado à pesquisa e à reflexão teórica sobre as necessidades de bibliotecas e de informação. A maior parte dessa atividade parece ocorrer sob a égide da ciência da informação (...).” (p. 159)

¹⁶ “... there is a tendency, particularly in Europe, to restrict the domain of study [of information science] to scientific and technical information.” (p. 68)

adequa ao contexto do campo do conhecimento. Efetivamente, as tarefas de recuperação da informação nas áreas especializadas tornou-se de tal forma complexa que começa a exigir uma participação maior de especialistas de assunto. Um dos melhores exemplos do que seria o cientista da informação é a idéia de que é um cientista que trabalharia na biblioteca, ao invés de no laboratório, processando informação em benefícios dos seus colegas pesquisadores que trabalham no laboratório.

Finalmente, há a percepção de que a CI é a comunicação de significados entre pessoas ou com sistemas de informação socialmente construídos (BELKIN, 1978; WILSON, 1984; WARNER, 1990; INGWERSEN, 1992).

Entretanto, alguns têm procurado até mesmo negar a existência da disciplina. Baseado numa análise dos trabalhos publicados no *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, principal periódico da ciência da informação nos Estados Unidos, LLOYD afirma:

“A evidência empírica mostra que a ciência da informação nada mais é que biblioteconomia, que a maioria dos autores do JASIS que foi possível identificar eram da área de biblioteconomia (e a maioria ensina biblioteconomia), e que os autores do JASIS não são cientistas. Não existe uma comunidade de cientistas da informação. Na verdade, não há qualquer justificativa para a existência de um novo ramo da ciência a que chamar ciência da informação. Logicamente, por conseguinte, não pode haver qualquer inter ou multidisciplinaridade nesse empreendimento e não há razão alguma para que alguém seja chamado de “cientista da informação.” (HOUSER, 1988 apud GORMAN, 1992).

Quanto ao seu grau de desenvolvimento, variam também as percepções. Há quem diga, com evidente exagero, que é uma ciência perfeitamente consolidada (FONSECA, 1994¹⁹). Outros já são mais comedidos, como, por exemplo, WERSIG:

“Não há um corpo teórico disponível na ciência da informação porque ele nunca foi necessário na engenharia da informação e porque todos os fragmentos importados de outras disciplinas não foram bastante para fornecer a base capaz de tornar a ciência da informação uma disciplina científica com caráter próprio.” (WERSIG 1992, p. 203-204).

6 A economia da informação

No sentido de Bunge, já mencionado, a economia é o conhecimento aplicado de tal forma que o resultado dessa aplicação é viável ou acessível ao grande público. Podemos identificar duas grandes instâncias de manifestação do conceito na B&CI. A primeira dessas instâncias pode ser caracterizada por expressões isoladas que ocorrem em todo o âmbito da B&CI. Um bom exemplo pode ser buscado na área de tratamento da informação, mais especificamente no tocante aos sistemas de classificação do conhecimento. O desenvolvimento desses sistemas, sua aplicação prática, é exemplo claro de economia.

O sistema de classificação mais utilizado hoje em dia no mundo inteiro é

¹⁷ “Some editors and others assert that information science is solely or primarily concerned with the literature of science in contrast to library science which is claimed to be concerned with all literatures.” (p. 21)

¹⁸ Segundo Pinheiro, a ciência da informação nasceu sob a égide da ciência e tecnologia, o que é comprovado pela literatura sobre sua gênese” (OLIVEIRA 1998, p. 19).

¹⁹ “... leis, modelos e teorias que fizeram a ciência da informação tornar-se, em quase 30 anos, uma ciência tão adulta quanto as antiquíssimas física e química.”



provavelmente o sistema de classificação decimal de Melvil Dewey, que desde sua publicação, em 1876, vem mantendo uma grande aceitação entre bibliotecários e sistemas de informação. Entretanto, ele não é o que de mais sofisticado ou elaborado existe, em termos desse tipo de sistemas. Muito mais ricos, conceitualmente, são sistemas como os de Bliss e o de Ranganathan. Entretanto, nenhum destes conseguiu desbancar o sistema de Dewey, ou até mesmo se firmarem como sistemas de viabilidade prática. Mas várias características de ambos os sistemas têm sido incorporadas ao sistema de Dewey, que hoje já está em sua 21ª edição. Vemos, portanto, aí, exemplos de tecnologia — Bliss e Ranganathan — e economia — Dewey.

A segunda instância é a chamada indústria da informação, que surge com o desenvolvimento espetacular, nas últimas décadas, dos meios de comunicação gráficos e eletrônicos. Os serviços de indexação e resumo já mencionados, mais os sistemas online, quando têm um caráter comercial, são naturalmente peças de destaque dessa indústria.

7 Conclusão

78 Como vimos, deve-se reconhecer a existência de um campo do conhecimento cuja denominação mais comum, internacionalmente, é a de *biblioteconomia e ciência da informação*. Nesse campo, é fácil mostrar que há dois subcampos ou subáreas principais: a de biblioteconomia e a da ciência da informação. O que as distingue basicamente é o tipo de informação com que lidam: não-especializada, na biblioteconomia, e especializada, na ciência da informação. Em ambas as subáreas, entretanto, é possível também identificar as quatro formas principais de conhecimento de que fala BUNGE, ou seja, ciência pura, ciência aplicada, tecnologia e economia.

A biblioteconomia é exercida principalmente em bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, bibliotecas universitárias e bibliotecas nacionais — reais ou virtuais. Apesar das constantes previsões sobre o fim do livro e das bibliotecas, e apesar de todas elas até aqui terem se revelado equivocadas, há alguns sinais de que mesmo que alguns desses tipos de bibliotecas venham a desaparecer, outros provavelmente ainda continuarão por um bom tempo. Exemplo é a idéia, defendida por ninguém menos que Bill Gates, guru supremo da automação nestas últimas décadas, de que a biblioteca pública seja talvez o lugar ideal para prover acesso à Internet àqueles que não podem ter um computador em casa. Para aqueles que podem talvez estar estranhando essa preocupação, é bom lembrar que as projeções são no sentido de que uma boa parcela da população continuará não tendo condições de ter um computador em suas próprias casas e, por conseguinte, também não terão acesso à Internet. E isso nos Estados Unidos, donde se pode deduzir que a situação nos países em desenvolvimento será obviamente muito mais dramática, nesse sentido. No que diz respeito à pesquisa que se faz relativas a temas desta área, continua sendo muito bem expressa pelo termo biblioteconomia, sendo que em inglês a terminologia é mais precisa porque se usa dois termos diferentes para expressar os dois conceitos: *librarianship* para expressar a biblioteconomia como profissão e *library science* para expressar a biblioteconomia como campo do conhecimento (e, portanto, compreendendo também as atividades de pesquisa científica).

A ciência da informação, *strictu sensu*, é caudatária direta de uma longa

tradição de tratamento da informação especializada, que começa na biblioteconomia com as bibliotecas especializadas, passa pelos centros de documentação e, hoje em dia, prefere a terminologia *ciência da informação*. Um dos problemas com essa terminologia é que é aceitável para atividades de estudo e pesquisa, mas pouco sonora e um tanto pedante para designar a prática profissional. Assim, o termo documentação que, conforme vimos continua sendo bastante usado, poderia ter sua utilização incrementada para designar a prática profissional em áreas especializadas do conhecimento, ao passo que a utilização do termo ciência da informação ficaria restrita às atividades de pesquisa científica realizadas na área.

Library and Information Science: nature and relationship

Characterization of the field of library and information science. Separately, both library science and information science must be seen as specialties or subfields of a bigger field. The splitting is justified by the differences between the two sub-fields which, nevertheless, share a common problem: the access to information.

Referências bibliográficas

BELKIN, N.J. Information concepts for information science. *Journal of Documentation*, London, v. 34, n. 1, p. 55-85, Mar. 1978. +

BORGMAN, C., RICE, R. The convergence of information science and communication: a bibliometric analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, Washington, v. 43, n. 6, p. 397-411, July 1992. +

BORKO, H. Information science: what is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968. +

BRADFORD, S.C. *Documentação*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. +

BROOKES, B.C. The foundations of information science. Part 1. Philosophical aspects. *Journal of Information Science*, v. 2, n. 3/4, p. 125-133, Oct. 1980. +

BUNGE, Mario. *Ciência e desenvolvimento*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Cap. 2: Ciência básica, ciência aplicada e técnica, p. 25-33. +

BUSHA, C.H., HARTER, S.P. *Research methods in librarianship: techniques and interpretation*. New York: Academic Press, 1980. +

COMAROMI, John P. Dewey, Melvil. In: *ALA world encyclopedia of library and information services*. Chicago: ALA, 1980. p. 177-179. +

CONAWAY, C. W. [Resenha sobre o livro *Information science: from the development of the discipline to social interaction*]. *College and Research Libraries*, v. 57, n. 4, p. 395-396, July 1996. +

CRONIN, B. Shibboleth and substance in North-American library and information-science education. *Libri*, Copenhagen, v. 45, n. 1, p. 45-63, Mar. 1995. +

CRONIN, B., PEARSON, S. The export of ideas from information science. *Journal of Information Science*, v. 16, n. 6, p. 381-391, 1990. +

EDWARDS, R.M. The management of libraries and the professional functions of librarians. *Library Quarterly*, Chicago, v. 45, n. 2, p. 150-160, Apr. 1975. +

FONSECA, E.N. Maturidade precoce da ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 377-378, set./dez. 1994. +

FOSKETT, A.C. *The subject approach to information*. 5th ed. London: Library Association, 1996. +

GORMAN, Michael. How cataloging and classification should be taught. *American Libraries*, Chicago, v. 23, n. 8, p. 694-697, Sept. 1992. +

HOUSER, Lloyd. A conceptual analysis of information science. *Library and Information Science Research*, v. 10, n. 1, p. 3-34, Jan./Mar. 1988. +

INGWERSEN, P. Conceptions of information science. In: VAKKARI, P., CRONIN, B. (Eds.) *Conceptions of library and information science*. London: Taylor Graham, 1992. p. 299-311. +

INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 2, 1996, Copenhagen, Denmark. *Proceedings: integration in perspective, October 13-16, 1996*; CoLIS 2, Second International Conference on Conceptions of Library and Information Science; arranged by The Royal School of Librarianship; editors, Peter Ingwersen, Niels Ole Pors. København : The School, 1996. 484 p. +

INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 3, 1999, +

Perspect. cienc. inf., Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67 - 80, jan./jun.2000 +

- Dubrovnik, Croatia). *Digital libraries: interdisciplinary concepts, challenges and opportunities* : proceedings of the Third International Conference on Conceptions of Library and Information Science, Dubrovnik, Croatia, May 23-26, 1999; editors, Tatjana Aparac ... [et al.] Zagreb : Zavod za informacijske studije Odsjeka za informacijske znanosti : Filozofski fakultet ; Lokve : Naklada Benja, 1999. xvi, 400 p.
- JARDIM, J.M., FONSECA, M.O. As relações entre a arquivística e a ciência da informação. *Cadernos BAD*, n. 2, p. 29-45, 1992.
- KENT, Allen, LANCOUR, Harold (Ed.). *Encyclopedia of library and information science*. New York: M. Dekker, 1968- . 35v.
- LE COADIC, Yves-François. *La science de l'information*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- MIKHAILOV, A.I. et al. Informatics - a new name for the theory of scientific information. *FID News Bulletin*, The Hague, v. 17, n. 7, p. 70-74, 15 July 1967.
- MILSTEAD, Jessica L. *ASIS Thesaurus of information science and librarianship*. 2nd ed. Medford, NJ: Information Today, 1998.
- MUELLER, S. M. P. Reflexões sobre a formação profissional para biblioteconomia e sua relação com as demais profissões da informação. *Transinformação*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 175-185, maio/ago. 1989.
- OLIVEIRA, M. de. *A investigação científica na ciência da informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq*. Brasília: UnB, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 1998. (Tese – Doutorado).
- PAISLEY, W. Information science as a multidiscipline. In: PEMBERTON, M., PRENTICE, A. (Ed.). *Information science: the interdisciplinary context*. New York: Neal-Schumann, 1990. p. 3-24.
- ROSENBERG, V. The scientific premises of information science. *Journal of the American Society for Information Science*, Washington, v. 25, n. 4, p. 263-269, July/Aug. 1974.
- SARACEVIC, Tefko. Information science: origins, evolution and relations. In: VAKKARI, P., CRONIN, B. (Ed.) *Conceptions of library and information science*. London: Taylor Graham, 1992.
- SHERA, J.H. Sobre bibliotecología, documentación y ciencia de la información. *Boletín de la Unesco para las Bibliotecas*, Paris, v. 22, n. 2, p. 62-70, mar./abr. 1968.
- SMALL, H. The relationship of information science to the social sciences: a cocitation analysis. *Information Processing and Management*, v. 17, n. 1, p. 39-50, 1981.
- VAKKARI, P., CRONIN, B. (Ed.) *Conceptions of library and information science*. London: Taylor Graham, 1992.
- VAKKARI, P. Library and information science: its content and scope. *Advances in Librarianship*, v. 18, p. 1-55, 1994.
- WARNER, Amy J. Quantitative and qualitative assessments of the impact of linguistic theory on information science. *Journal of the American Society for Information Science*, Washington, v. 42, n. 1, p. 64-71, Jan. 1991.
- WERSIG, Gernot. Information science and theory: a weaver bird's perspective. In: VAKKARI, P., CRONIN, B. (Ed.) *Conceptions of library and information science*. London: Taylor Graham, 1992. p. 201-217.
- WHITLEY, R. Cognitive and social institutionalization of scientific specialties and research areas. In: WHITLEY, R. (Ed.). *Social processes of scientific development*. London, 1974. p. 69-95.
- WILSON, T. The cognitive approach to information behavior and use. *Social Science Information Studies*, v. 4, p. 197-204, 1984.
- ZUNDE, P., GEHL, J. Empirical foundations of information science. *Annual Review of Information Science and Technology*, Washington, v. 14, p. 67-92, 1979.